

Luciano e para evitar explicações com seus paes, deixou crer a José Dolores que accitava sua mão, que era o que o bom jovem aspirava, contando, como já dissemos, com que o amor viria mais tarde. Entretanto, os dias passaram e de convenio em convenio houve um em que se fixou o dia da união. Adeline chorou a sua desventura, mas vendo-se abandonada, não teve valor para arrostar a colera de seu pa e resignou-se.

Poucos dias depois do casamento de Luiza e Luciano, José Dolores conduzia sua noiva à igreja, onde receberam a benção nupcial, levando elle, por essa occasião, o frasco que tanto chamava a attenção de Luciano nas cartas que dirigia a seu amigo.

(Continúa).

### Cambalhotas

Um... dois... tres....

— Estou. Venho da assistir ao *masqué* do *Theatro de Variedades*. Quiz divertir-me um pouco com aquella traga inoffensiva e galhofeira.

Depois, havia ali a musica allemã — a primeira que tem apparecido em Porto Alegre, —segundo a critica da *Gazeta*, e... queria ouvir a instrumentação harmoniosa. Eu sempre tive uma *aquella* pelos bombardos e caixas de rufo. Oh! as caixas do rufo, é o que ha de mais interessante n'este século de luzinarias e... de criticos. Mas voltemos á orchestra e ao *masqué*. O nome do maestro não me enganou. *É espectralidifico!* O *masqué* esteve desconfiado. Dançou-se, flautou-se, namorou-se e... bebou-se cerveja.

×

Quem brilhou, foi a *tracinha* dos domiós. Parece que haviam-se combinado para teouar a pobre humanidade. Era até um regalinho o ver aquelles pandegos, todos alegres, bebendo á custa das que faziam de Quel-roz. Estes, porém, é que não estavam satisfeitos.

Que assada! diziam elles; além de pagar, alurarmos estes desalmados. E os domiós, os malditos domiós, naquella *flautação* que todos conhecem, continavam a narração do passado, presente e futuro dos *benaventurados* typos. Foi uma noite chota. As famílias também sahiram alegrias. Gostaram de ver a brincadeira e o modo porque se rapalhavam as raparigas. Aquellas, porém, retiraram-se á meia noite. A folia continuou.

Tudo estava contente. Mas o mestre sala não quiz saber quem se divertia, apurou-se nos calções e gritou com certo emphase: — «Para onde vamos?» E os foliões, os inoffensivos foliões, ficaram como que aterrorisa-

dos e fugiram, repetindo ainda aquella phrase sacramental — «Para onde vamos?»

×

Para o desperdicio, diz a *Gazeta*.

Eu, porém, quer-me parecer que vamos para a China. A importação dos *yankets* já principiou.

Os *Ku pi hós*, começam a boiar á tona da publicidade, á laia dos *ovgmallos*. Porto Alegre, já não é mais o Porto Alegre antigo. Tem mudado de uzos e costumes.

«O commercio quer vender artigos de luxo, roupas de phanta-ia, bisnagas, e quem sabe se a *Gazeta* de Porto Alegre lerá de ver as grandes cruzes negras com a legenda: *Amento mori?*»

A população já anda mesmo desanimada e no meio de um tal progresso, perguntam uns aos outros, n'uma contemplação bestial:

— Mas para onde vamos?

×

É um problema que só a *Gazeta* soube resolver. Comtudo, a luz appareceu e hoje ninguém ignora o caminho que atravessamos. Os *ambitos* reuniram-se e todos sabem que *cada um pucha a brasa para a sua sardinha*. Ora ahí está decifrado o enigma estúpido!

Não tem que ver, a *Gazeta* ha de ser sempre a *Gazeta*, não obstante a descoberta do *mathematico* Virissimo.

O que ella nunca fará, é cancelar o povo a dor-perdida uns cobrinhos magros, em coisas de máo gosto. Ao contrario. Acounsellará as ingenuas brasileiras a usarem vestidinhos de chita.

E no meio de todas estas finanças moralisadoras, a *Gazeta* ainda bradará com toda força de suas forças aquella phrase sacramental e enigmatica — *Para onde vamos?*...

O futuro que lhe responde.

×

O Futuro!...

Eis aqui o colosso que tem de coar a fronte de um grande sabio: — o Virissimo. Depois de haver descoberto a direcção do *caranguço*, acaba de assombrar o mundo com a prodigiosa e nunca decantada — *pressão do ar*. Oh! grande homem do século 19! A tua revolução no mundo scientifico, ha de ficar assignatada na historia dos vultos eminentes *per omnia secula seculorum*. Tu já não és mais o Virissimo, és um semi deus. O teu cráneo é um verdadeiro Vesuvio.

Agora, não creio mais nos impossiveis. O que é a *pedra philosoph* e a *quadratura do circulo*? Simples ninharias. A tua idéa é a *seis* para da civilisação e do progresso! As nações te contemplan admiradas, a geração que vier levantará uma estatua de podregu-lho á tua memoria e eu... empunhan-

do o látigo da justiça, bradarei como que possuido de enthusiasmo: — *Eureka!* Eis aqui o descobridor do mel de pau.

×

Onde houve deste genero com abundancia, foi no arraial dos Navegantes e no do Menino Deus. A prova é que eu tambem lá estive, e... fiz o que pude, fiz o que pude. Desempenhei o papel conforme as mi-nhas forças. Porém, quem teve as honras do dia, não fui eu, não; foi a companhia *disneyeira*. Que coisaff! Era um tirotoio capaz de fazer fugir um exercito. Basta dizer que tanto andava armado de bisnagas. E é que se uma pessoa se desconfiasse, não havia como fugir; to-mava bisnagas por todos os lados. Emfim, era um Deus nos accuda.

Safa!...

×

Quasi que não chega a tempo.

Veio mesmo quando en estava para subscrver estas *cambalhotas*. E entretanto, perdia se alguma coisa. A producho está enfeitadinha. Parece mesmo... nem sei o que...

Garanto, porém, que não fiz a menor alteração. Pertence ao meu amigo Ba-tista e chama-se:

### FRAGMENTO.

«Sou muito infeliz! Eis aqui o grito que lança sem cessar a humanidade, empregando para o modular todos os tons, desde o mais debil lamento do moribundo até o imponente rugido do leão.

Em que consiste a felicidade? Que deve o homem fazer para ser ditoso? Problema difficil de resolver.

Para a maioria, a felicidade consiste no ouro; pois possuindo este precioso metal julgam-se felizes.

Para alguns, a felicidade consiste no lar, a qual é a verdadeira felicidade.

Logo que um homem possa formar um lar, deve procurar uma esposa digna de ser sua consorte.

Só assim não haveria tanta infelicidade neste val de lagrimas.

Mas o homem, cego devorado pelo incessante afan da cobiça, perde a força viril e cahe nos braços da desgraça.

Gostaram?...

Pois então os commentarios ficam á disposição dos leitores.

E vou para o *Prado Rio-Granden-se* que já são horas.

Au revoir.

K. LOMO.

## Cambalhotas

Um.... dous.... tres....

Cá estou. Venho de assistir ao *masqué* do *Theatro de Variedades*. Quiz divertir-me um pouco com aquella *troça* inoffensiva e galhofeira.

Depois, havia ali a musica allemã —a primeira que tem apparecido em Porto Alegre, segundo a criteriosa *Gazeta*, e.... queria ouvir a instrumentação harmoniosa. Eu sempre tive uma *aquella* pelos bombardões e caixas de rufo. Oh! as caixas de rufo, é o que ha de mais aperfeiçoado n'este século de luminarias e.... de criticos. Mas voltemos á orchestra e ao *masqué*. O nome do maestro não me enganou. E' *especolondrifica*! O *masqué* esteve desenfastioso. Dansou-se, flanou se, namorou-se e.... bebeu-se cerveja.